

Manuel Clemente

**ALOCUÇÃO NA RECEPÇÃO
COMO SÓCIO CORRESPONDENTE**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ALOCUÇÃO NA RECEPÇÃO COMO SÓCIO CORRESPONDENTE

AUTOR

MANUEL CLEMENTE

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-223-0

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

ALOCUÇÃO NA RECEPÇÃO COMO SÓCIO CORRESPONDENTE

Manuel Clemente

Ex.mo Senhor Presidente da Associação Comercial do Porto e nosso amável anfitrião, Dr. Rui Moreira;

Ex.mo Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Doutor Adriano Moreira;

Ex.mos Senhores Académicos, minhas Senhoras e meus Senhores:

A excessiva bondade com que fui acolhido em tão prestigiosa Academia suscita-me – além do mais vivo agradecimento – a rápida revisão do meu próprio percurso, no que à reflexão e à pedagogia diz respeito. Permiti que a partilhe agora convosco. Vale o que vale, como testemunho duma geração, para juntar a tantos outros.

Não sou, nem nunca fui primariamente um “cientista”, no sentido próprio da palavra, como quem faz do estudo aprofundado dum tema a ocupação básica do seu tempo e carreira. Mesmo no currículo escolar, fui sempre – por assim dizer – muito circum-escolar. Até onde a memória me recupera, na própria infância, encontro-me nas mais variadas actividades, de casa à escola, da Igreja ao espaço lúdico, em constante envolvimento institucional ou espontâneo.

Significativamente e desde muito cedo, a dimensão histórica das coisas esteve presente. Nasci numa família com alguns parentes idosos, onde se contavam episódios pessoais que entroncavam na história nacional, desde meados do século XIX. E, em geral, as conversas precediam o presente com alusões mais antigas.

Creio que este foi um factor determinante, para que o sentido do tempo e do devir se tornasse medular no meu modo pessoal de ser e de sentir. Igualmente ajudou ter nascido e crescido no centro histórico duma terra – Torres Vedras – particularmente ligada ao passado nacional, onde as referências à Fundação, ao Interregno, à perda e à retomada da Independência, às Guerras Peninsulares e a vários episódios do Liberalismo à República são muitas e impressionantes. Cedo comecei a frequentar a Biblioteca e o Museu Municipais, tendo no seu dedicadíssimo Director – o ilustre arqueólogo Leonel Trindade – um excelente tutor e amigo.

A adolescência e a juventude, até aos 25 anos, decorreram em alguns estabelecimentos de ensino de Torres Vedras e Lisboa, mantendo-se a ocupação diversificada, entre o escolar e o circum-escolar, com crescente envolvimento em actividades da Igreja. Na Universidade – e depois duma inconsequente inscrição em

Direito – formei-me em História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (curso de 1968-1973). Mas volto a acentuar que esses anos foram sobretudo paroquiais e eclesiais, com especial relevo para o Escutismo Católico. Fui quase “profissionalmente” escuteiro dos dezasseis aos vinte e cinco anos (Agrupamentos 50 e 122 e Núcleo do Oeste).

Relevo também a importância decisiva, em termos de vivência universitária, do ambiente excepcional que me proporcionaram nesses anos a Faculdade de Letras e o Colégio Universitário Pio XII. Neste último, privei e aprendi com dezenas de colegas de vários cursos universitários, que transportavam consigo os fortes questionamentos existenciais e políticos dos anos sessenta e primeiros setenta. Éramos acompanhados, além de outros, pela figura tutelar do seu lúcido e benévolo Director – Padre Joaquim António de Aguiar, claretiano – e por alguns “amigos da casa”, que nos visitavam frequentemente, com particularíssimo relevo para o Professor Adriano Moreira, que desde então muito admiro e respeito.

Da Faculdade de Letras de Lisboa – onde voltaria nos anos oitenta como assistente do Movimento Católico de Estudantes, e em 2004, para colaborar esporadicamente num Mestrado, a convite do Professor João Medina - guardo a feliz recordação de vários colegas e a especial herança cultural e científica de notáveis professores. Grato como estou a todos, permito-me destacar dois, pela influência marcante que em mim tiveram: o Padre Manuel Antunes, para a antiguidade e a cultura clássicas, e o Professor Borges de Macedo, para equivalente temática na Idade Moderna. Confesso que as perspectivas que mantenho em relação às dimensões propriamente culturais da sociedade, da política, da economia e da relação ciência – humanidade, provêm basicamente dos conceitos e análises que estes dois mestres partilharam connosco, em aulas, escritos e conversas, durante e já depois do curso.

Mas, como disse atrás, esses tempos foram prevalentemente eclesiais, animados pelo grande sopro do Concílio Vaticano II e da reforma que impulsionou. Daí que, acabado o curso, a minha opção fosse – quase necessariamente – pelo Seminário e a Teologia. De 1973 a 1979 formei-me sacerdotal e escolarmente no Seminário dos Olivais e na Faculdade de Teologia da Universidade Católica (Lisboa).

Nesta última, tive como especial mestre o Professor Doutor António Montes Moreira, actual Bispo de Bragança-Miranda, que se doutorara na grande escola histórico-eclesiástica de Lovaina, daí trazendo a conjugação temática e o rigor da análise com que nos ministrava os seus cursos e seminários. Foi ele que rapidamente me chamou à leccionação da História da Igreja, em que persisto há três décadas e meia. Foi também com ele que preparei depois o doutoramento em Teologia Histórica, concluído em 1992.

Entretanto, prosseguiu a vida sacerdotal: frequentei a Faculdade de História Eclesiástica da Universidade Gregoriana no 1º semestre de 1979-1980 e neste último

ano fui também coadjutor das paróquias de Torres Vedras e Runa; de 1980 a 2005 integrei a Equipa Formadora do Seminário dos Olivais, sendo sucessivamente prefeito, vice-reitor e reitor; em 1989 fui nomeado cónego da sé de Lisboa e em 1999 Bispo Auxiliar de Lisboa e Titular de Pinhel, sendo ordenado a 22 de Janeiro de 2000; em 2007 fui transferido para a Diocese do Porto, como seu Bispo Diocesano; no âmbito da Conferência Episcopal Portuguesa tenho trabalhado especialmente nas áreas das Comunicações Sociais e da Cultura; mantenho programas religiosos na RTP 2, desde 1998, e na rádio Renascença, desde 2001... Estes e outros encargos, bem como a actividade universitária e docente, dirigiram-me a atenção para o tema que principalmente me ocupa, de há três décadas para cá, a saber, o da recomposição do catolicismo na sociedade liberal, como teoria e como prática, ainda aqui juntando vida e reflexão, reflexão como a suscita a vida.

Foi nisto muito importante o encontro com investigadores leigos que tinham trabalhado em Paris, em organismos internacionais da Acção Católica, aí seguindo cursos universitários com grandes mestres da História geral e religiosa contemporânea. Refiro-me a António Matos Ferreira e a Paulo Fontes, próximos de Jean-Marie Mayeur e René Rémond, entre outros autores franceses. Foram esses dois amigos que principalmente activaram a renovação do Centro de Estudos de História Eclesiástica (hoje “História Religiosa”) e da revista *Lusitania Sacra*, fundados nos anos cinquenta por uma conhecida plêiade de investigadores académicos. Depois das direcções dos Doutores António Montes Moreira e Carlos Moreira Azevedo, eu próprio tive a honra e o encargo de encabeçar a direcção do Centro e da revista e acompanhar com o maior interesse as suas actividades.

Datam também dessa época os penhorantes convites que me foram sucessivamente feitos para integrar, além do referido Centro, a Sociedade Científica da Universidade Católica, a Academia Portuguesa da História e a Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Penitenciando-me pela escassa colaboração que consegui dar-lhes – por força da prioridade pastoral dos trabalhos que me foram sucessivamente cometidos -, aproveito o ensejo para manifestar o mais profundo apreço por tais instituições e quantos as constituem.

No que à produção escrita respeita, as urgências pastorais e culturais já referidas foram e continuam a ser determinantes. É fácil verificar que tudo se articula em torno da recomposição teórico-prática do catolicismo na sociedade contemporânea, particularmente a portuguesa.

Isso mesmo me levou a procurar personagens e grupos que, desde 1820, tivessem apresentado ideias e mantido iniciativas não meramente reactivas à nova ordem das coisas; ou que, sendo reactivas, aprofundavam o sentido da própria posição ou desafiavam consistentemente os seus opositores. Todos juntos, com maior ou menor articulação, constituíram o “movimento católico” em Portugal, à semelhança dos seus congéneres doutros países europeus. Quero salientar neste ponto o papel pioneiro que

tiveram os trabalhos do Professor Manuel Braga da Cruz, em especial *As origens da Democracia Cristã e o salazarismo*, Lisboa 1980, e os muitos títulos em que Pinharanda Gomes realçou factos e figuras do catolicismo português oitocentista e noventaista.

Dos vários estudos que dediquei à mesma temática, ao longo das décadas de oitenta e noventa, dá alguma conta a colectânea *Igreja e sociedade portuguesa do liberalismo à república*, Lisboa 2002. Antes fora publicada a minha tese de doutoramento (1992), que incidira precisamente numa das primeiras tentativas institucionais de “recompor” o catolicismo português no quadro liberal: *Nas origens do apostolado contemporâneo em Portugal. A Sociedade Católica 1843-1853*.

É interessante verificar como, logo aí, se esboçou o que até hoje se vem acrescentando, em termos de relação Igreja – Mundo, tanto na inovação como na discussão: substituição da confessionalidade estatal pela presença militante dos crentes – clérigos e leigos - na sociedade plural; preparação intelectual e intervenção lúcida nos debates culturais, externos ou internos à própria Igreja; lugar reforçado das redes familiares e de sociabilidade; aprofundamento do internacionalismo católico em articulação com a nova centralidade romana; nascimento e desenvolvimento do pensamento social cristão, face às novas questões laborais e outras...

Assim andei e continuo a andar, Ex.mos Senhores Académicos e Ex.mos Senhores e Senhoras, aqui tão amavelmente presentes. Estas as temáticas que ao longo dos anos se foram definindo na minha atenção e labor, em constante articulação com o que a vida e os encargos me foram sugerindo e pedindo. Fundamentalmente, procuro que seja uma vida unificada, e, por isso, “cultural”.

Assim mesmo continuo, inteira e agradecidamente, ao vosso dispor.

(Comunicação apresentada no Palácio da Bolsa, Porto
a 23 de Dezembro de 2010)